



6º SIPEMAT

Simpósio Internacional de Pesquisa
em Educação Matemática

6º INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON RESEARCH IN MATHEMATICAL EDUCATION
6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE INVESTIGACIÓN EN EDUCACIÓN MATEMÁTICA
6º SYMPOSIUM INTERNATIONAL SUR LA RECHERCHE EM ÉDUCTION
MATHÉMATIQUE

23 a 25 de maio de 2024 – CAMPINA GRANDE- PARAÍBA - BRASIL
ISSN XXX-XX-XXXXX-XX-X

A ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA NO CAMPO DA ETNOMATEMÁTICA

Marcos Marques Formigosa¹
Ieda Maria Giongo²

RESUMO

Este texto discute o uso da Análise do Discurso na perspectiva foucaultiana como estratégia metodológica em pesquisas no campo *pós-estruturalista* da Etnomatemática. Assenta-se como um estudo teórico, a partir de estudos preliminares sobre a interconexão de ideias desse filósofo com esta tendência da Educação Matemática, com aportes da pesquisa qualitativa. Evidenciamos que, mesmo que Michel Foucault não tenha feito indicações de suas teorizações para questões metodológicas, suas discussões nos dão pistas para a necessidade de uma interpretação mais cuidadosa acerca dos discursos (oralizados, sinalizados, escritos), e os efeitos que têm no contexto em que foram ditos, incluindo o ensino de matemática. Em síntese, contribuiu para a constituição de regimes de verdade que primam pelo formalismo e abstração, regulando a estrutura organizacional da matemática. Nessa operação, emergem classificações e marginalização dos sujeitos que dela não se apropriam, privilegiando saberes institucionalizados em detrimento daqueles que emergem dos distintos contextos.

Palavras-chave: Michel Foucault. Matemática Escolar. Educação Matemática.

INTRODUÇÃO

¹ Universidade Federal do Pará – UFPA. E-mail: mformigosa@ufpa.br

² Universidade do Vale do Taquari – Univates. E-mail: igiongo@univates.br

As pesquisas que fazem uso da Análise do Discurso (AD) têm sido exploradas recorrentemente em diversos campos e, de forma ampliada, em pesquisa no campo educacional, especialmente quando se tem como sujeitos alunos e professores, tendo como um dos aportes teóricos Michel Foucault (Fischer, 2001; Wanderer; Schefer; 2016). Essas ideias têm ajudado a pensar as pesquisas também na área de Educação Matemática, e de modo particular pela *Perspectiva Pós-Estruturalista da Etnomatemática* (Knijnik, 2016; Knijnik et al., 2019), considerando a problematização feita pelo filósofo sobre os regimes de verdades e relações de poder que, por vezes, marginalizam outros saberes, produzidos em contextos distintos daqueles do qual a ciência moderna se encontra (Knijnik et al., 2019).

Salientamos que não foi intenção de Foucault dar orientações para os pesquisadores, no âmbito da educação/ensino, no que se refere especificamente ao cunho metodológico. No entanto, para o filósofo, é necessário um olhar mais aguçado em torno daquilo que os discursos podem indicar. Não apenas para as palavras, mas para o efeito que elas têm no contexto em que foram ditas, ou seja, como se dentro do próprio discurso houvesse outros discursos, que tem a finalidade de propagar regimes de verdade (Foucault, 1998). Dentre esses regimes, encontramos determinadas práticas imbuídas nos sistemas escolares que delimitam os conteúdos que seriam necessários aprender, por exemplo, apontando-os como verdades únicas, em demérito a outros saberes, que passam a ser considerados inúteis.

Apoiado nisso, o campo da Etnomatemática busca romper tais discursos, pois é pertinente destacar que a produção do saber não ocorre de forma unilateral. No entanto, para que outras formas de saberes se manifestem no contexto escolar, torna-se necessário rupturas com o sistema para que ampliemos o leque de possibilidades de se ensinar e de se aprender a Matemática Escolar para além da sala de aula, e que inclui vislumbrar outros elementos inerentes ao contexto em que são mobilizadas outras linguagens. Dessa maneira, este campo da Etnomatemática abre espaço para o questionamento sobre os discursos que são impostos aos sujeitos, mesmo que tais discursos aconteçam de acordo com o contexto em que estão inseridos e são tomados como única forma de produção de conhecimento, inclusive pelo sistema educacional, incluindo aqui a escola

(Foucault, 1996), que tem seus desdobramentos diretos nos processos de ensino e de aprendizagem. Quando este campo teórico busca compreender os discursos que regem esse processo, a partir da perspectiva foucaultiana, torna-se indispensável compreender qual a ideia deste filósofo atribuída para o discurso.

Dito isso, convém esclarecer que o objetivo desse texto é discutir o uso da Análise do Discurso na perspectiva foucaultiana como estratégia metodológica em pesquisas no campo *pós-estruturalista* da Etnomatemática. Para tanto, metodologicamente, nossa discussão é no campo teórico a partir de estudos preliminares sobre a interconexão desse filósofo com esta tendência da Educação Matemática, portanto foi analisado com aportes da pesquisa qualitativa. Dessa maneira, além desta introdução, este texto está estruturado da seguinte forma: a primeira seção discorreremos algumas ideias acerca da análise do discurso a partir de Michel Foucault; na segunda discorreremos sobre a relação desses discursos no campo da Etnomatemática e, por fim, as considerações finais.

ALGUMAS TEORIZAÇÕES FOUCAULTIANAS

Constituído por um conjunto de regras, o discurso se constrói em distintos momentos históricos nas mais diferentes áreas (econômica, social, política, linguística, geográfica) a partir de um dado contexto, conforme seus usos, determinando a existência de poder (Foucault, 2008) e, pode ser considerado como:

Um bem – finito, limitado, desejável, útil – que tem suas regras de aparecimento e também suas condições de apropriação e de utilização: um bem que coloca, por conseguinte, desde sua existência (e não simplesmente em suas “aplicações práticas”), a questão do poder; um bem que é, por natureza, o objeto de uma luta, e de uma luta política (Foucault, 2008, p. 136-137).

Nas concepções do filósofo, o discurso é uma representação cultural porque produz saber, e muito mais do que produzir saber, o discurso o regula porque quer manter sua capacidade de controle e, conseqüentemente, de produzir outros saberes, conforme são construídas as relações em sociedade no decorrer do espaço e do tempo (Foucault, 1998). Acrescenta que se o discurso ao regular

aquilo que pode ou não ser dito, ele está imbricado de tomadas de decisões, que interferem, inclusive, no comportamento das pessoas, de uma sociedade, como forma de controle. Dessa maneira, o filósofo considera o discurso como construtor do poder, segundo seu alcance: “Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (Foucault, 1996, p. 10), ou seja, vai construindo suas verdades.

Para Foucault (1998, p. 13), a verdade é “[...] um conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder”, ou seja, o discurso emerge a partir da relação entre saber e poder. Portanto, devemos entender a verdade, segundo o autor, como aquilo que está regulado e que tem funcionalidades e finalidades capazes de manter o poder. Assim, a partir de suas características:

[...] Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os discursos que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (Foucault, 1998, p. 12).

O autor argumenta que a verdade é parte indissociável do ciclo, pois é a partir dela que são construídas as formas reguladoras de poder, que não podem ocorrer de forma isolada e nem descontrolada: “[...] A verdade está circularmente ligada a sistemas de poder, que a produzem e a apoiam, e a efeitos de poder que ela induz e que a reproduzem” (idem, p. 14).

O filósofo esclarece que o poder não foi concebido como um mero apêndice do discurso, e não podem ser considerados antagônicos, mas como complementares. Para Foucault (1998, p. 8), “[...] o que faz com que o poder se mantenha e seja aceito é simplesmente que ele não pesa como uma força que diz não, mas que ele de fato permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discursos”. Nessa direção, o discurso prima por formatar, normalizar e disciplinar, excluindo tudo o que está fora do padrão, das suas verdades. Mas, para o filósofo, o poder só pode ser constituído a partir do momento em que seja possível exercer a liberdade. Não é possível que ele se materialize quando há subordinação.

Para tanto, busca construir relações que lhe garanta sua estabilidade frente aos indivíduos ou grupos, para constituir-se como provedor de poder, de forma cíclica.

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui e ali, nunca está em mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder, e de sofrer sua ação; nunca são alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (Foucault, 1998, p. 183, grifos nossos).

Dessa maneira, Foucault salienta que não é possível pensar o poder como único dominador de indivíduos ou grupos, pois estes são partes constituintes do poder. O que ocorre, segundo Foucault, é que cada um deles perpassa as relações de poder, considerando que todos são os próprios propagadores do poder.

Fischer (2012), chama a atenção para a complexidade do poder por ele ser capaz de abarcar a todos. Segundo a autora, na atualidade, ele tem se tornado mais individual e totalizante. Nesse sentido, “[...] é preciso estudá-lo a partir de suas técnicas e táticas de dominação [...]” (Foucault, 1998, p. 186), como forma de compreender a constituição do sujeito, nos distintos contextos. A autora afirma ainda que Foucault tem como foco em suas análises o sujeito, nas diferentes épocas e relações sociais, como sendo aquele que é “[...] constituído por diferentes discursos e práticas, que por eles é subjetivado, permanentemente. Mas, que com esses discursos e práticas, está também em relação, relação de poder; portanto em posição de resistência” (Fischer, 2012, p. 42).

Nessa direção, Foucault (2008), considera que as práticas do sujeito (que não necessariamente são reais, mas podem ser também imaginárias), se manifestam por meio de seus discursos e são construídas a partir da maneira que ele se relaciona com o meio, considerando, segundo o filósofo, com o momento histórico e, sobre quais verdades busca-se construir. Nesse sentido, o filósofo chama a atenção para o fato de que o desenvolvimento do sujeito se constrói a partir de um dado momento sócio-histórico.

Assim, ao me reportar aos apontamentos feitos por Foucault sobre a primazia da linguagem universal como único discurso a ser seguido, consideramos que a Matemática Escolar se apropriou de determinados discursos e construiu o

seu regime de verdade, constituindo-se pelo formalismo e abstração, que regulam a sua estrutura organizacional, como forma de garantir, também, sua sobrevivência e manutenção de poder, que classifica e marginaliza sujeitos que dela não se apropriam.

Nesse sentido, a linguagem matemática comumente utilizada na escola segue um padrão determinando o que deve ser seguido, como forma de manter o sujeito a reproduzir automaticamente. Tal postura não abre margens para associação de outros significados, outras possibilidades, novos olhares que podem desencadear em outros questionamentos. Isso se reflete na Matemática Escolar, pois o discurso nela presente produz uma verdade que não pode ser questionada, o que, por vezes, acaba inibindo outras formas de produção e apropriação do conhecimento.

ANÁLISE DO DISCURSO NA PERSPECTIVA FOUCAULTIANA E O CAMPO DA ETNOMATEMÁTICA

Como já sinalizamos, Foucault não dita regras de cunho metodológico a serem seguidas para quem pretende trabalhar com AD, considerando que ele é avesso a toda e qualquer forma de homogeneização e este não era o fim de sua teoria. No entanto, seus estudos acabaram por conduzir um leque de pesquisas para não apenas para os construtos teóricos, mas também metodológicos.

[...] mesmo cientes de que o filósofo não esteve interessado em prescrever orientações metodológicas, seus estudos nos oferecem algumas balizas ou considerações que adotamos em nosso trabalho como pesquisadores [...]. Uma dessas balizas ancora-se na problematização que Foucault tece sobre a análise do discurso, amplamente utilizada como estratégia analítica nas pesquisas contemporâneas da área da Educação (Junges; Wanderer, 2018, p. 34).

Percebemos que para o filósofo, é necessário um olhar mais aguçado em torno daquilo que os discursos podem indicar. Não apenas para as palavras, mas para o efeito que elas têm no contexto em que foram ditas, ou seja, como se dentro do próprio discurso houvesse outros discursos, mas que tem a finalidade de propagar regimes de verdade, o que requer uma interpretação profunda e

minuciosa e atenta ao dito e ao não dito. Tal perspectiva parte do pressuposto de que os discursos são, segundo Foucault (2008, p. 98), imbricados de enunciados, que, por sua vez,

[...] trata-se, antes, de uma função que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão aí presentes ou não. O enunciado não é, pois, uma estrutura (isto é, um conjunto de relações entre elementos variáveis, autorizando assim um número talvez infinito de modelos concretos); é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles "fazem sentido" ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

Os enunciados constituem os signos e estão para além das suas designações imediatas, desconstruindo a ideia de que o discurso é apenas o entrecruzamento de coisas e palavras (Foucault, 2008). Para tanto, ainda segundo o filósofo, é preciso desconstruir a ideia da necessidade de traduzir o significado dos signos presentes nos discursos, que, por sua vez, como já pontuado, só existem em função dos enunciados.

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (Foucault, 2008, p. 55).

Cabe, portanto, entender o significado dos enunciados que compõem esse discurso. É na busca deste "mais", que a AD busca entender quais discursos imperam no contexto e ditam verdades, e qual sentido é dado a eles a partir de seus enunciados, considerando as regras que os geram.

Como já pontuamos, tais enunciados emergem das diferentes formas de vida, num dado tempo histórico e contexto, em práticas concretas, vivenciadas rotineiramente, criando realidades possíveis (Fischer, 2001). A autora nos ajuda a compreender o que são e como operam os enunciados, numa perspectiva foucaultiana. Para ela os enunciados são os elementos que constituem o discurso, caracterizados por: *um referente* (sempre se reportará a algo), *um sujeito* (que afirma, anuncia, a partir do lugar de fala), *um campo associado* (não existe de forma

isolada, num discurso há muitos enunciados) e *uma materialidade específica* (há registros, que podem ser repetidos ou reproduzidos) (Fischer, 2001).

Com esses quatros elementos, o enunciado como parte integrante do discurso, materializa os objetos que falam (Foucault, 2008). Esmiuçar um enunciado é uma estratégia para se compreender como ele se constrói, dentro de um discurso, bem como se distribui a partir de três configurações: a *prática discursiva*, a *formação discursiva* e a *interdiscursividade* (Fischer, 2001).

Segundo a autora, a *interdiscursividade* constitui-se a partir da heterogeneidade discursiva, que se constrói e se materializa a partir de outros enunciados e até de outros discursos. Esses discursos são mediados por outros acontecimentos internos e externos, por isso, a autora também o denomina de pluridiscursividade, ou seja, há uma variedade de discursos que sustentam um dado discurso, que são distribuídos dentro da formação discursiva.

A *formação discursiva* de um enunciado é constituída por determinadas regras que delimitam o que pode (e o que não pode) ser dito dentro de um determinado discurso, “[...] é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar” (Fischer, 2001, p. 202). É por meio dessas regras que o discurso se materializa, ou como chama e isso demanda do pesquisador estratégias para compreender como esses discursos operam nos acontecimentos. Para tanto, precisamos observar como ele ocorre por meio dos enunciados e são essas configurações que constituem os enunciados que funcionam como engrenagens, fazendo o discurso funcionar.

Após identificar como um enunciado torna-se uma *prática discursiva*, caminha-se para compreender a sua formação discursiva a partir dos seus objetos, buscando mapear quais as regras, ou como chama Foucault (2008), quais suas leis, compõem um dado discurso, sustentado a partir dos enunciados que o constituem, sem que este se modifique. Essa estratégia é fundamental, para Foucault (2008), os enunciados nem sempre estão visíveis.

No entanto, não cabe buscar explicações lineares, do tipo causa e efeito, mas buscar refletir sobre o antes, o agora e o depois, sobre aquilo que foi dito dentro do plano geral do discurso. Portanto, é preciso perceber, por meio de sua análise, as nuances que o discurso manifesta dentro do objeto linguístico. Os enunciados podem colocar em xeque um dado discurso, quando se consegue interpretar aquilo

que efetivamente foi dito: “Interpretar é uma maneira de reagir à pobreza enunciativa e de compensá-la pela multiplicação do sentido; uma maneira de falar a partir dela e apesar dela [...]. É, pois, em sentido, pesar o “valor” dos enunciados” (Foucault, 2008, p. 136).

Foucault (2008), chama atenção para o fato de que entre a língua e a fala, há os sujeitos que desenvolvem seus discursos a partir de um plano linguístico, nas suas diferentes linguagens, com o intuito de alcançar, perceber e constituir um determinado objeto linguístico. Assim, os passos da AD recaem sobre a linguagem, pois é ela quem demarca qual o plano linguístico que um discurso traçou, ou seja, aquilo que foi construído para ser executado entre a língua e a fala, a fim de materializar o objeto linguístico junto aos sujeitos.

A compreensão em torno da AD, numa perspectiva foucaultiana, enquanto aporte metodológico, alicerçado neste campo da Etnomatemática, permite englobar discussões que vão para além da sala de aula. Ela nos ajuda a compreender os discursos emanados nos modos de vida dos alunos, nos seus distintos contextos, que, por vezes, não se manifestam na escola, mais ainda quando buscando isso nas linguagens utilizadas em aulas de Matemática, por exemplo. Não apenas isso, mas possibilita questionar ações presentes nessa disciplina, que ainda é encarada na escola (nos diferentes níveis e modalidades de ensino), por meio de discursos, como uma disciplina neutra, que não tem espaço para a inserção de outras temáticas que não sejam próprias dessa ciência, que se pauta em um modelo segregador, eurocêntrico e heteronormativo.

Para o filósofo, é na multiplicidade das formas que vamos, aos poucos, nos constituindo enquanto sujeitos coletivos e, concomitantemente, desenvolvemos a nossa individualização, as nossas identidades, que acabam se tornando homogêneas, pois as manifestações de poder estão imbricadas na nova estrutura social constituída, onde o sujeito passa a ser o produto e o produtor do poder.

Por conseguinte, passa a ser um sujeito que também controla e faz uso de ações punitivas que, por vezes, são utilizadas como forma de correção, como estratégia para o respeito à hierarquia de saberes como forma inclusive, de ser aceito.

[...] quando penso na mecânica do poder, penso em sua forma capilar de existir, no ponto em que o poder encontra o nível dos

indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana (Foucault, 1996, p. 131).

Por esse viés, Foucault passou a considerar o sujeito como alguém que é permeado pela individualidade, capaz de tomar as rédeas, sendo o próprio agente da sua ação. Nessa perspectiva, criam-se campos de distintas possibilidades, onde as diferentes condutas, ações e comportamentos individualizados, quando convergem para uma mesma força, geram um dinamismo nas suas articulações que culminam em iniciativas de resistência (Foucault, 1996).

Portanto, há a necessidade de estabelecer uma relação capaz de trazer à tona diversos elementos que contribuam na compreensão desse dinamismo do poder e seus efeitos de verdade, pois o poder,

[...] incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles são suscetíveis de agir (Foucault, 1996, p. 242).

Para o filósofo, é preciso considerar quais são os efeitos de verdade que os discursos propagados precisam levar em consideração, além de saber quais conjuntos de forças serão necessários para garantir a eficácia do poder. De certa maneira, os discursos que emergem vão rotulando os modelos como as coisas precisam ser direcionadas, em forma de disciplinamentos, que convergem para o seguimento rigoroso de regras para se fazer o controle (Foucault, 1996).

Apoiada nesses discursos, a Matemática vigente tem regras ditas universais com suas características que primam pelo rigor, exatidão e neutralidade, passíveis de questionamentos (D'Ambrosio, 2004). Assim, ao se criar esses discursos, percebemos que isto é um mecanismo de controle daquilo que pode ou não ser ensinado em uma aula de matemática; é uma forma de afirmar que outros saberes que fogem disso não podem ser incluídos naquele espaço de aprendizagem. Com essas ponderações, os discursos criados em torno da Matemática, tomados como verdade, vão isolando as práticas dos outros grupos que, de certo modo, desenvolvem práticas diferentes daquelas tomadas como padrão, como verdades.

É nessa constituição, que muitos saberes singulares vão sendo marginalizados, não sendo possível conceber que dentro desses distintos contextos existem formas próprias de produzir outros saberes que destoam daqueles que não seguem o modelo dominante, que exclui, que segrega e marginaliza (Knijnik *et al.*, 2019). Ao partirmos dessa afirmação, coloca-se em xeque o modelo de construção de saber hegemônico existente, da linguagem universalizante, presentes nos discursos que demarcam regimes de verdades, conforme aponta Foucault (2006; 2008).

O saber se constrói quando passa a ganhar forma, sistematização, organização, a partir de um dado contexto e momento histórico, que vai ganhando forma e rechaçando a ideia da racionalidade científica vigente e abrindo espaço para que outras racionalidades se manifestem. E quando o sujeito se apropria desses saberes, tem a capacidade de refletir sobre eles e com isso produzir novos, que podem ser operacionalizados conforme sua necessidade e capacidade de argumentação, reflexão (Foucault, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões aqui apresentadas tratam do uso da Análise do Discurso na perspectiva foucaultiana como estratégia metodológica para as pesquisas no campo da Etnomatemática. Consideramos que esse referencial teórico é relevante, pois possibilita outros olhares que emanam dos campos empíricos realizados em contextos diversos.

Michel Foucault faz uma ampla discussão sobre as ideias de regimes de verdades, bem como sobre como os saberes que são produzidos fora desses regimes são descartados, pois não possuem validação científica e, portanto, podem ser descartados, pois fogem das regras. Reiteramos que mesmo que o filósofo não tenha feito indicações de suas teorias para questões metodológicas, pois era averso ao processo de homogeneização, suas pesquisas dão pistas para que as diferentes áreas problematizem as ideias universalizantes presentes que impõem regimes de verdades.

REFERÊNCIAS

- D'AMBROSIO, Ubiratan. Etnomatemática e educação. KNIJNIK, Gelsa.
WANDERER, Fernanda. OLIVEIRA, José Cláudio de (Org.). **Etnomatemática, currículo e formação de professores**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cad. Pesqui.** n. 114, São Paulo, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Acesso em 25 jun. 2019.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012 (coleção estudos foucaultianos, 9)
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College d'e France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970 (Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio). 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. MOTTA, Manoel B. (Org.). **Estratégia, poder-saber** (Tradução: Vera Lúcia Aavellar Ribeiro). 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 (Coleção Ditos & Escritos).
- FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. (Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves). 7. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- JUNGES, Débora de Lima Velho. WANDERER, Fernanda. Discutindo os caminhos metodológicos. WANDERER, Fernanda. KNIJNIK Gelsa (org). **Educação e tecnociência na contemporaneidade**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018.
- KNIJNIK, Gelsa. Um modo de teorizar no campo da pesquisa em educação matemática. KNIJNIK, Gelsa. WANDERER, Fernanda (org.) **Educação Matemática e sociedade**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2016. (Coleção Contexto da Ciência).
- KNIJNIK, Gelsa *et al.*. **Etnomatemática em movimento**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Tendências em Educação Matemática).
- WANDERER, Fernanda; SCHEFER, M. C. Metodologias de pesquisa na área da educação (matemática). WANDERER, Fernanda; KNIJNIK, Gelsa (Org.). **Educação Matemática e sociedade**. 1 ed. São Paulo: Livraria da Física, 2016, p. 33-50.